

Ghost-writer ou escritor fantasma

Ercília Macedo-Eckel

ML, redator do Senador, cujo nome preservo por razões compreensíveis, autor de belos discursos, lidos por vários senadores, me confessa ao ouvido, enquanto ouve um: “Eu sou como La Fontaine: faço os animais falarem”. (Millôr, Veja, 12 ago./09, p. 33)

Desde meus tempos de estudante esse assunto me atrai. Mas naquela época ainda não havia nome ou rótulo para a barriga de aluguel da obra intelectual ou artística. Se tinha eu não sabia.

Então, depois de passarmos pelos gêneros literários e periodização literária, caímos, inicialmente, no trovadorismo lírico português da época medieval (século XII – XV: 1189 – 1434). Foi aí que eu ouvi e li pela primeira vez sobre alguns reis e nobres, decaídos ou não, que se faziam de autores, trovadores, para ganhar suas amadas, ou condecorar seus castelos com a fidalgia de homens letrados, acima do povo e, talvez, do clero. Eram oficialmente poetas.

Muito antes disso, porém, Teodorico o Grande, rei dos godos e depois dos italianos durante 33 anos, pediu a Cassiadoro, seu conselheiro e secretário, que escrevesse para ele uma obra enaltecendo os godos, sua antiguidade, nobreza e capacidade para governar. Enfim, que desse um passado glorioso à classe dominante gótica da época. Essa obra manuscrita (12 vol.) se intitulou Libri XII De Rebus Gestis Gothorum. Quando o rei Teodorico faleceu em 526, Cassiadoro continuou ghost-writer dos sucessores. Faleceu em 540. Rico.

Em 551, Jordanes fez um resumo fictício daqueles manuscritos que haviam se perdido. Chama-se Getica e ficou como a obra que inicia a história dos godos.

Faz tempo, então, que é moda e muito natural o político, ou o poder, se utilizar da competência de um oculto. Tanto que Clement Atlee (1881 – 1967) disse a respeito de seu adversário Winston Churchill: “Era um político tão medíocre que escrevia os próprios discursos”. O ghost-writer do presidente Jonh Kennedy era Ted Sorensen, autor da celebre frase do discurso de posse: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país”. No Canadá o escritor oculto é quase oficial é reconhecido por The Writers Union of Canada. Nos Estados Unidos os escritores de discurso têm até nome. São os speechwriters. Hábito que vem da Antiguidade, exercitado até entre familiares: Já foi dito que Aspásia de Mileto, a bela mulher de Péricles (Séc. V a.C.), era quem escrevia os pronunciamentos do marido, apelidado de Olímpico de Atenas pela sua eloquência e inteligência.

Mais recentemente Nilson Souza no blog Tripo G (V), 26/09/06, fala-nos sobre um suposto ghost-writer do papa, que para dar um lustre de cultura no discurso de Sua Santidade, numa universidade da Alemanha (12/09/06), desenterrou a citação de um

imperador católico bizantino do século XIV (1391) sobre Maomé, provocando mal-estar e furor no mundo islâmico. A frase é a seguinte: “Mostre-me tudo o que Maomé trouxe de novidade, e encontrarás apenas coisas más e desumanas (...)”.

Há filmes em que o oculto é protagonista, como em *O escritor fantasma*, onde Jhon Vandermark (Alan Cumming) é um compositor fracassado e Sebastian St. Germain (David Boreanaz) é um charmoso escritor, que gosta de agitação cultural. Jhon simpatiza com ele e quer ajudá-lo em tudo. Mas acaba tendo ciúmes da popularidade do jovem escritor com as mulheres e se torna agressivo. Sebastian morre acidentalmente, Jhon encontra seus manuscritos e resolve publicá-los como criação própria, chamando para si os créditos de autoria da obra. De repente o falecido volta para atormentá-lo. Realmente esse era um escritor fantasma.

O trabalho de escritor fantasma é muito flexível. Veja alguns casos: O cliente pode entregar esboço, dados completos, algumas idéias, ou nada. Nesse último caso a obra é de total responsabilidade e produção do fantasma profissional. Pode acontecer de o cliente o querer apenas como consultor, assessor, revisor de texto, ou acompanhante até a editora. O escritor fantasma bem qualificado poderá, ainda, produzir obras sobre “celebridades” que vendem, escrever livros de autoajuda, ou best-sellers para escritores renomados, ou para editoras que usam o nome desses escritores, com a aquiescência deles. O fantasma vale também para compositores musicais, artistas plásticos, estilista e outros.

Um bom ghost-writer ou escritor oculto tem cuidado em adequar o texto ao nível e estilo do cliente. Nos discursos, evita termos difíceis e palavras proparoxítonas para os menos letrados. Mas põe citações filosóficas e palavras estrangeiras na boca do culto, que saberá pronunciá-las corretamente. Entretanto é recomendável que o cliente leia, estude o texto antes do pronunciamento. Que marque as pausas, o olhar para o público, a cadência das frases, sabendo o significado de todas elas no contexto, no conjunto das ideias expostas. Quando uma autoridade maior se imagina semideus e, de repente, sai do script para o improvisado, nós conhecemos o estrago que pode causar, pelas besteiras que diz dentro ou fora do país.

Para todos esses serviços e orientações o ghost-writer é bem pago, mediante contrato registrado em cartório, com os compromissos de sigilo total e de não receber os créditos de autoria. No caso das obras de responsabilidade plena, os exemplares estarão prontos no prazo determinado, com sua foto, copyright em seu nome... E na Bienal do Livro você desfilará com o crachá de Autor, dará autógrafos, entrevistas, etc.

Querido leitor, Márcio Lima pergunta na Revista paradoxo (18/04/06): “Será que seu autor preferido é mesmo escritor?”

No Brasil correm vários boatos de escritor fantasma. Alguns confirmados, outros deixam poucas dúvidas. Consta que Chalaça (Francisco Gomes da Silva) era o redator dos discursos e textos pronunciados ou publicados por D. Pedro I, no Primeiro Reinado. Incluindo aqui os artigos do imperador sobre a Constituição de 1824. Autran Dourado era o ghost-writer de Juscelino Kubitschek: “Eu era apenas a mão que escrevia.” O escritor Mello Cançado era responsável pelos textos e pronunciamentos de Aureliano Chave, então Governador de Minas.

E fatos mais próximos de nossos dias também devem ser mencionados nos serviços dos escritores ocultos. A morte trágica de Ayrton Senna (01/05/94), por exemplo abalou todos os brasileiros e, em especial, a então modelo Adriane Galisteu (21) sempre relegada pela família do falecido, e que rivalizava com a apresentadora

Xuxa o título de viúva do piloto. Sobre esse acidente e incidente foi editado, ainda em 1994, Caminho das borboletas. Meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna. Assinado por Adriane Galisteu. Com 270.000 exemplares vendidos. A obra se apoiou em trinta horas de depoimentos da autora, gravadas em Sintra, Portugal. Mais cartas, bilhetes, álbuns, recortes. Correu notícia na época que o texto teve produtor oculto (mas nem tanto): “Como editor tentei ser absolutamente fiel a sua narrativa (...) repassando as fitas das entrevistas, percebi que Adriane Galisteu se refere a seu namorado no presente (...)” O editor ou ghost-writer Nirlando Beirão seria o verdadeiro autor de Caminho das borboletas?

Já O doce veneno do escorpião: O diário de uma garota de programa, best-seller de Bruna Surfistinha (2005), não é segredo, nem oculto a ninguém. O nome do real autor é Jorge Tarquini, que escreveu a obra a partir do blog de Bruna.

Na ficção também o tema pode ser abordado amplamente, como no romance Budapeste (2003) de Chico Buarque através do protagonista José Costa, duplamente ghost-writer (Brasil e Hungria), duplamente marido (Vanda e Kriska) com dupla língua. Dormia treinando e falando húngaro, “a única língua que o diabo respeita” (p.6). Vivía entre Rio de Janeiro e Budapeste (Zsoze Kósta, o duplo), sem muito apego afetivo, mas carregado de conflitos existenciais.

No final da narrativa, o leitor e o protagonista se surpreendem. O ex-marido de Kriska convida Costa no Rio para uma surpresa na Hungria. Talvez quisesse se vingar do ghost-writer, agora mais húngaro que brasileiro, por ser um anônimo melhor que ele. Então José Costa pode ver o lado de seus clientes: Budapeste, romance publicado em seu nome, com palavras alheias e muito estranhas às suas. E glórias no parlamento, no palácio, na universidade, com título de doutor – “... agradei com um discurso empolado surgido no meu bolso não sei como” (p.171).

Costa era tão profissional que participava de encontros anuais de escritores anônimos, os escritores fantasmas.

No âmbito da política o boato mais recente sobre ghost-writer que li veio do blog de Bruno Kazuhiro (4 nov. 2009), o Perspectiva política: Dilma pode contratar escritor fantasma para redigir sua própria biografia às vésperas da eleição. Ali o colunista Ilmar Franco afirma:

“Dois nomes de peso se recusaram a escrever a biografia da ministra Dilma Rousseff. Acharam o prazo para entregar o trabalho, fevereiro/2010 muito curto. O PT está agora atrás de um escritor fantasma. A obra será assinada pela ministra”.

Eh! De meus tempos de estudante até hoje esse assunto fica cada dia mais interessante e atual. Voltarei a ele para falar dos espíritos e profissionais dos trabalhos escolares e acadêmicos.

Ercília Macedo-Eckel é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestre em Letras pela UFG.